

Utilização de IA para criação de conteúdo político ou ideológico

 *Francisco Da Silva Ribeiro*

2231692@iscap.ipp.pt

<https://orcid.org/0009-0004-0426-4342>

ISCAP, Instituto Politécnico do Porto

Resumo

Com o rápido desenvolvimento da Inteligência Artificial (IA), esta passou a ser utilizada em diversas áreas do nosso dia a dia. A IA está atualmente tão integrada na sociedade que já começa a ser utilizada em campanhas de partidos políticos, por exemplo, na criação de conteúdos de campanha ou para esclarecer o público sobre dados estatísticos relevantes. Neste trabalho, irá ser abordada a forma como a utilização da IA na política, quando usada de forma negativa, pode influenciar e manipular a opinião pública, bem como contribuir para a disseminação de desinformação. Serão também discutidas as principais consequências associadas a este fenómeno.

Palavras-chave: Política, Portugal, EUA; Chega, Inteligência Artificial.

Abstract

With the rapid development of Artificial Intelligence (AI), it has become widely used in many aspects of our daily lives. AI is now so integrated into society that it is already being used in political party campaigns, for example, to create campaign content or to inform the public about relevant statistical data. In this paper, it will be discussed how the use of AI in politics, when used negatively, can influence and manipulate public opinion, as well as contribute to the spread of misinformation. I will also examine the main consequences associated with this phenomenon.

Keywords: Politics, Portugal, EUA, Chega, Artificial Intelligence.

Introdução

Com uma maior utilização de Inteligência Artificial (IA) na nossa sociedade nos dias de hoje, é possível reparar na rápida evolução, em várias áreas desde a medicina até à educação. No entanto, mesmo percebendo os seus benefícios, também aumentam as preocupações relativamente ao seu uso indevido, especialmente na área política e ideológica. A capacidade que a IA tem hoje para criar conteúdos rápidos, realistas e personalizados levanta problemas éticos e sociais que não podemos simplesmente ignorar. O que antes era uma ferramenta de auxílio, tornou-se, nos últimos anos, uma peça central na comunicação política. Esta tecnologia permite produzir mensagens em massa, espalhar desinformação e moldar a opinião pública com uma eficácia que nunca tínhamos visto.

Este cenário não é apenas um conceito teórico, já está a acontecer. Existem exemplos claros na utilização de vídeos e imagens manipulados em campanhas eleitorais, tanto nos Estados Unidos como em Portugal. Estes casos mostram como a IA, quando usada de forma maliciosa, serve para confundir e influenciar as decisões dos cidadãos.

Nesta reflexão, serão analisados três pontos fundamentais sobre o lado negativo da IA na política: o excesso de conteúdos gerados automaticamente; o perigo dos *deepfakes*; e a forma como a opinião pública é manipulada. Para servir de base para esta discussão, serão apresentados exemplos reais que demonstram estas dificuldades, evidenciando casos de campanhas políticas recentes.

Criação de conteúdos políticos em massa

Uma das inovações mais marcantes introduzidas pela IA no domínio político é a capacidade de produzir conteúdos em larga escala, de forma automática e praticamente sem qualquer tipo de custo. Esta característica altera a comunicação política permitindo que figuras políticas aumentem, de forma artificial, a sua presença no espaço público digital.

Mais do que uma simples questão de volume, a produção de conteúdos em massa cria uma estratégia específica para aumentar a influência. Como referem Woolley e Howar (2018), “a publicidade computacional utiliza a automação para moldar a opinião pública em larga escala”. Através da utilização de *bots*, contas falsas e sistemas automáticos, é possível simular o apoio popular e criar uma perceção falsa de consenso social. Este fenómeno tem consequências diretas na forma como os cidadãos interpretam a realidade política do país. A repetição constante de algumas mensagens contribui para a sua normalização, independentemente da sua veracidade. Bradshaw e Howard (2019) sublinham que “a manipulação digital organizada tornou-se uma ferramenta central na política contemporânea”.

Importa também considerar o papel dos algoritmos personalizados. A IA permite a adaptação de conteúdos para os públicos-alvo, explorando as características psicológicas e comportamentais. Esta segmentação também aumenta de forma significativa a eficácia das mensagens políticas e ideológicas, levantando várias questões éticas, uma vez que na maioria dos casos é utilizada para manipular emoções e reforçar preconceitos.

Assim, a criação de conteúdos em massa não só aumenta o número de mensagens políticas, mas também contribui para a degradação do espaço público, onde diferentes grupos recebem versões diferentes da realidade. Este fenómeno compromete o debate democrático, que pressupõe a existência de uma base comum de informação.

Exemplo

Em Portugal, o Chega tem recorrido a estratégias de comunicação digital altamente eficazes, caracterizadas por mensagens diretas, emocionalmente apelativas e amplamente partilhadas nas redes sociais. Durante a última campanha eleitoral, verificou-se a utilização

de vídeos editados e conteúdos visualmente impactantes, que, embora nem sempre baseados em IA de melhor qualidade, refletem uma lógica semelhante de simplificação discursiva.

Nas últimas eleições presidenciais portuguesas o partido político Chega usou a IA para a criação de uma música que viralizou na rede social TikTok. Uma música que promovia a xenofobia e expulsão de imigrantes do nosso país, o que causou muita discussão sobre o que é eticamente aceitável ou não.

A eventual integração de ferramentas de IA nestas estratégias levanta preocupações adicionais, sobretudo no que diz respeito à transparência e à ética. A utilização de conteúdos manipulados, mesmo que parcialmente, contribui para a construção de narrativas que podem não corresponder à realidade.

Desinformação e *deepfakes*

Deepfakes

Embora a desinformação seja um elemento antigo na comunicação política, a IA veio impulsionar este fenómeno para uma dimensão sem precedentes. A grande preocupação atual reside na criação de conteúdos falsos com um realismo extremo, onde os *deepfakes* surgem como uma das ameaças mais severas à confiança pública. Através de técnicas sofisticadas de manipulação de imagem, vídeo e som, esta tecnologia consegue simular eventos que, na verdade, nunca existiram. Como referem Chesney e Citron (2019), o potencial desta ferramenta é tal que pode comprometer definitivamente a credibilidade das provas audiovisuais e materiais que, historicamente, sempre foram vistas como fontes de informação seguras e fiáveis.

No entanto, o impacto dos *deepfakes* não se esgota na sua eficácia em enganar quem os vê. Mesmo quando estas falsificações são desmascaradas, o dano permanece, alimentando um clima generalizado de suspeita. Este processo de "erosão da verdade" torna quase impossível ao cidadão comum desvincular o que é fidedigno do que foi fabricado. Paralelamente, a IA também veio simplificar a escrita de textos falsos de elevada complexidade. Graças aos modelos de linguagem atuais, é possível gerar discursos e artigos que replicam na perfeição o estilo jornalístico, dificultando a fronteira entre o facto e a ficção. Wardle (2017) reforça esta ideia ao apontar que a desinformação de hoje define-se pela sua intencionalidade e pela perícia com que se consegue disfarçar de informação legítima.

A Desinformação

Um dos aspetos mais preocupantes é a velocidade de disseminação destes conteúdos. As redes sociais, através dos seus algoritmos, costumam privilegiar conteúdos que geram reações emocionais e como resultado a desinformação propaga-se mais rapidamente do que a informação verídica.

Do ponto de vista crítico, importa reconhecer que o problema não é apenas tecnológico, mas também social e político. A eficácia da desinformação depende da disposição dos cidadãos para acreditar em certas narrativas que aparecem nas redes sociais. Neste sentido, a IA funciona como um amplificador de dinâmicas já existentes. Num contexto em que a manipulação digital é generalizada, as figuras políticas podem negar acontecimentos reais alegando que são forjados para denegrir a sua imagem. Esta estratégia fragiliza ainda mais a confiança dos cidadãos nas instituições e nos meios de comunicação.

Em suma, a IA não só facilita a produção de conteúdos que causam desinformação, como também altera profundamente a forma como a verdade é percecionada e valorizada na sociedade atual.

Exemplo dos EUA

Nos Estados Unidos, a utilização de conteúdos gerados por IA têm sido associados a estratégias de comunicação política centradas em Donald Trump. Durante períodos eleitorais, circularam vídeos e imagens manipuladas que exploravam narrativas totalmente inventadas, muitas vezes com recurso a técnicas visuais avançadas. Estes conteúdos, amplamente difundidos nas redes sociais, contribuíram para reforçar divisões políticas e dificultar a distinção entre a informação real e a manipulada.

Na imagem que se segue, retirada de um TikTok da conta do *Independent*, é utilizada IA para simular um encontro com o atleta português Cristiano Ronaldo, onde os dois se encontram a jogar um contra o outro na Sala Oval da Casa Branca (Independent, 2025).

Figura 1 Vídeo gerado por IA que simula Donald Trump e Cristiano Ronaldo



Nota. Print de ecrã retirado de um vídeo publicado na conta de TikTok *Independent*. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@independent/video/7574757008679718176>

Manipulação da opinião pública

A manipulação das perceções coletivas surge como um resultado direto da conjugação entre a produção massificada de conteúdos e a desinformação. Hoje, a IA não se limita apenas a difundir mensagens, permite também desenhar estratégias que moldam os comportamentos do público-alvo de forma quase invisível. Neste processo, os algoritmos das plataformas digitais tornaram-se o veículo ideal, assegurando que cada conteúdo encontre o seu recetor com elevada precisão.

Tal como defende Pariser (2011), estes sistemas dão origem a “bolhas de filtro”, que restringem a informação dos utilizadores ao reforçar apenas as suas visões de mundo. A IA acaba por agravar este isolamento ao ajustar, em tempo real, o que é apresentado no ecrã com base nas preferências individuais. Surge aqui a segmentação política, talvez uma das formas mais complexas de manipulação, através do tratamento de dados, as campanhas conseguem disparar mensagens específicas para grupos muito restritos, explorando vulnerabilidades emocionais e falhas cognitivas. É uma prática que fere a ética democrática, pois compromete a transparência e, sobretudo, a autonomia de escolha de cada indivíduo. Além da persuasão direta, esta manipulação pode servir para a desmobilização. Quando um cidadão é exposto a uma corrente constante de dados contraditórios ou falsos, o resultado é muitas vezes o cansaço e a desconfiança, levando-o a agir contra as suas próprias convicções ou a optar pela abstenção. Esta dimensão emocional é propositadamente amplificada pela IA, conteúdos desenhados para provocar indignação ou medo têm uma circulação muito superior, substituindo o julgamento racional por uma reação instintiva. No fundo, a tecnologia tornou a manipulação mais sofisticada e silenciosa, pondo em causa a liberdade do debate democrático.

Implicações éticas e democráticas

A utilização enviesada da IA em contextos políticos levanta problemas que ferem o sistema democrático. Em primeira instância, a qualidade da democracia é degradada quando a manipulação de dados impede o acesso a uma informação fidedigna, essencial para o voto consciente. Existe também o risco de acentuar as desigualdades no acesso ao poder, figuras políticas com maior capacidade financeira e tecnológica conseguem dominar o espaço público, criando um desequilíbrio profundo na discussão de ideias.

A questão da responsabilidade é outro ponto crítico. Devido à natureza descentralizada da IA, torna-se extremamente difícil identificar quem produziu, ou partilhou, determinado conteúdo malicioso. Como sublinham Floridi et al. (2018), torna-se imperativo construir um quadro ético que garanta a transparência e a justiça na utilização destes sistemas.

Por último, é vital reforçar a importância da literacia digital. Num ecossistema onde a informação é facilmente fabricada e a credibilidade das fontes está constantemente em causa, os cidadãos necessitam de ferramentas críticas que lhes permitam avaliar o conteúdo que consomem. Sem este discernimento, a vulnerabilidade das sociedades perante a manipulação continuará a crescer.

Discussão

Com a constante evolução da IA, os problemas referidos vão continuar a aumentar, a produção de conteúdos em massa, a desinformação através de *deepfakes* e a manipulação da opinião pública. Isto permite compreender que a evolução da IA não é apenas uma questão tecnológica, mas também representa uma transformação cultural que traz grandes problemas a nível político.

Tendo um ponto de vista crítico, é possível analisar que estas três vertentes não conseguem funcionar em separado. A produção em massa de conteúdos cria o caminho perfeito para toda a desinformação que é disseminada nas redes sociais e a manipulação da opinião pública surge como consequência da exposição dos cidadãos a estas mensagens. Nesta perspetiva, o impacto desta tecnologia no contexto político e ideológico é maioritariamente negativo. Embora em alguns casos o uso de IA possa ser bem aplicado e defendido, a maioria das vezes é usado de forma manipulativa. A ausência de instrumentos para regularizar e identificar a veracidade dos conteúdos que são publicados nas redes sociais também contribuem para que a situação em que vivemos se mantenha, e para que todos os dias se propague mais informação falsa.

Como referido nos exemplos acima, os conteúdos de campanhas políticas criados pelo partido Chega e por Donald Trump evidenciam que a IA é maioritariamente usada para reforçar narrativas simplificadas e falsas. Desta forma vemos que o uso desta tecnologia não é neutro, é sim usado de acordo com os interesses políticos. Também é importante falar do facto de que a eficácia destas estratégias dependem de outro fator externo, a vulnerabilidade dos cidadãos a estas informações. A falta de literacia digital e a tendência de consumir informação de forma rápida, a que a nossa geração se está a habituar, facilitam a manipulação da opinião pública. No entanto, este fator não diminui a responsabilidade das figuras políticas que se aproveitam e beneficiam diretamente deste fraqueza da sociedade. Outro ponto relevante é a regularização do uso da IA na comunicação política, à medida que se torna mais comum, existe o risco de os cidadãos encararem a IA como uma parte inevitável do processo político. Este aspeto coloca em causa os valores democráticos, nomeadamente a verdade, a transparência e a responsabilidade.

Neste aspeto, a posição defendida nesta reflexão é clara, os riscos associados ao uso da IA na política superam, atualmente, os seus potenciais benefícios. A capacidade de manipular informação em grande escala, e com a falta de capacidade de regularização e da velocidade

de disseminação dos conteúdos, constitui uma ameaça real à qualidade do debate democrático. Assim sendo, torna-se fundamental não apenas reconhecer estes riscos, mas também desenvolver estratégias para que os mesmos não tenham tanto impacto.

Isto implica uma abordagem em grande escala, que inclua regulação, educação e responsabilização de todos os intervenientes. Sem estas medidas, a IA poderá continuar a ser utilizada como um instrumento de manipulação, em detrimento dos princípios democráticos.

Considerações finais

Com a análise desenvolvida ao longo deste trabalho, é possível perceber que, apesar de todo o potencial que a Inteligência Artificial pode trazer ao nosso dia a dia, esta também tem vindo a ser utilizada de forma negativa e problemática. No contexto da comunicação política e ideológica, a criação de conteúdos em massa, a disseminação de desinformação e a manipulação da opinião pública demonstram que esta tecnologia pode ser utilizada para fins de influência e controlo do público.

O principal conceito que podemos destacar é que estas três vertentes não funcionam de forma independente, pelo contrário, criam um ambiente digital altamente eficaz para moldar ideias e precessões. A produção em massa de conteúdo permite saturar o espaço digital com mensagens específicas, enquanto a desinformação dos públicos produz incertezas e dúvidas. Por fim a manipulação da opinião pública surge como consequência das duas primeiras vertentes, influenciando assim escolhas, crenças e vertentes políticas. Neste contexto torna-se claro que a IA não é de todo uma tecnologia neutra e que a sua aplicação depende das intenções de quem a utiliza, estando, neste caso, esta quase sempre associada a poder e influência. Os exemplos analisados acima, mostram que na maioria das vezes estas ferramentas são também integradas na comunicação política para apelar as emoções do público, simplificando os discursos e muitas vezes distorcendo a realidade.

Ao longo deste trabalho é defendida uma posição claramente contrária ao uso destas ferramentas em contextos políticos, considerando que os riscos associados ao uso de IA são bastante superiores aos benefícios que de retorno. A capacidade de gerar conteúdos realistas e personalizados em grande escala são uma grande ameaça à qualidade de informação que se partilha nas redes sociais. Uma das consequências mais preocupantes é a deterioração da confiança, quando os cidadãos deixam de conseguir distinguir entre o que é verdadeiro ou o que é manipulado, cresce um clima de desconfiança que fragiliza não só os meios de comunicação, mas também as instituições democráticas. Esta perda de confiança pode ter como consequência a diminuição da participação da população nas questões políticas. Podemos ainda referir as questões éticas levantadas pelo uso de IA para manipular a opinião pública, a capacidade de influenciar decisões políticas através de conteúdos publicados nas redes sociais coloca em causa a autonomia dos cidadãos. Se as escolhas são condicionadas por estratégias políticas sofisticadas e impercetíveis a alguém sem literacia digital, passa a ser possível questionar se essas escolhas são verdadeiramente livres.

Em suma, a IA representa uma “faca de dois gumes”, no entanto na vertente política e ideológica a sua utilização tem-se demonstrado preocupante pela distorção da realidade. Neste cenário é importante adotar uma postura mais vigilante em relação aos conteúdos que são publicados para todos os cidadãos, de modo a garantir que nada compromete os princípios fundamentais da democracia.

Declaração de uso de IA

Durante a elaboração deste artigo, o autor utilizou a ferramenta *ChatGPT* para reestruturação do texto, aperfeiçoamento gramatical ou outras permitidas. Todo o conteúdo gerado foi submetido a uma análise crítica, sendo revisto, validado e complementado pelo

autor, garantindo o seu rigor conceptual e a sua conformidade com princípios éticos e científicos.

Referências

- Bradshaw, S., & Howard, P. N. (2019). *The global disinformation order: 2019 global inventory of organized social media manipulation*. Oxford Internet Institute, University of Oxford. <https://demtech.oii.ox.ac.uk/wp-content/uploads/sites/12/2019/09/CyberTroop-Report19.pdf>
- Chesney, R., & Citron, D. K. (2019). Deep fakes: A looming challenge for privacy, democracy, and national security. *California Law Review*, 107(6), 1753–1819. <https://doi.org/10.15779/Z38RV0D15J>
- Floridi, L., Cows, J., Beltrametti, M., Chatila, R., Chazerand, P., Dignum, V., Luetge, C., Madelin, R., Pagallo, U., Rossi, F., Schafer, B., Valcke, P., & Vayena, E. (2018). AI4People—An ethical framework for a good AI society: Opportunities, risks, principles, and recommendations. *Minds and Machines*, 28(4), 689–707. <https://doi.org/10.1007/s11023-018-9482-5>
- Independent. (2025, 31 de maio). *Trump Ronaldo AI video* [Vídeo]. TikTok. <https://www.tiktok.com/@independent/video/7574757008679718176>
- Pariser, E. (2011). *The filter bubble: How the new personalized web is changing what we read and how we think*. Penguin Press.
- Wardle, C. (2017, 16 de fevereiro). *Fake news. It's complicated*. First Draft. <https://medium.com/1st-draft/fake-news-its-complicated-d0f773766c79>
- Woolley, S. C., & Howard, P. N. (Eds.). (2018). *Computational propaganda: Political parties, politicians, and political manipulation on social media*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oso/9780190931407.001.0001>